



Manifestantes brasileiros pedem reparações pela escravidão

Brasil apóia minorias

MONICA WEINBERG

BRASÍLIA – A delegação brasileira passou o dia de ontem mergulhada em uma das mais polêmicas questões da Conferência Internacional contra o Racismo da ONU, na África do Sul: a inclusão no documento final de uma lista reconhecendo as vítimas do preconceito. Parece um detalhe, mas o ingresso explícito das minorias discriminadas numa declaração da ONU é considerado um passo importantíssimo na evolução do debate. Primeiro porque pela primeira vez haverá um consenso entre 189 países em torno da idéia de que o racismo fez vítimas. O outro ponto é que, a partir daí, as ações afirmativas têm um foco bem definido e serão movidas pela pressão internacional.

“O Brasil está tentando fazer vingar a idéia de incluir no texto final o maior número de minorias vitimadas”, disse, de Durban, ao *Jornal do Brasil* o chefe de gabinete da Secretaria Nacional dos Direitos Humanos, Marcos Pinta Gama. O relatório brasileiro vai ainda mais longe. Empunha a bandeira de colocar no papel, sem meias palavras, as vítimas daquilo que os especialistas chamam de discriminação múltipla.

Os brasileiros estão falando das minorias que são objeto de um duplo preconceito, como os negros homossexuais ou os índios aidéticos.

Individualismo – É uma idéia avançada demais na ótica de outros países. O Brasil está bem alinhado com os europeus, mas não conta com o apoio de africanos e asiáticos. A Índia sequer aceita a tese da titulação das vítimas na declaração final. Isso porque o país é ainda regido pelo sistema de castas e, caso as menos privilegiadas constem como vítimas no documento, os indianos correm o risco de sofrer pressão internacional para acabar com o regime. Outros asiáticos fazem coro com a Índia. Cada qual está pensando o ônus da opção.

Os americanos, que abandonaram a conferência, chegaram a se mostrar contrários à causa defendida por brasileiros e europeus. Não queriam que os homossexuais ingressassem no rol das vítimas do racismo. Até alguns países da América Central aumentaram a voz da oposição. O gesto deixou os brasileiros sem esperança de ver seu texto, entre os mais liberais em Durban, estampado no documento final da ONU.